

OS SONHOS

Homem de tantos amores, Darcy elegeu a Universidade de Brasília e uma mulher misteriosa suas grandes paixões

Ana Beatriz Magno e Ronaldo Brasiense Da equipe do Correio

Uma de concreto, a outra de pele branca, duas paixões de Darcy Ribeiro deixadas no Planalto Central. A primeira, Universidade de Brasília; a segunda, mulher de nome impubescível.

Nas palavras do antropólogo, a UnB foi sua maior aventura, seu maior sonho, sua filha única. Darcy não teve filhos, "era estéril", confienciavam amigos. Revelam também que a mulher que encantou Darcy em Brasília nos anos 60 está hoje casada. Foi por três décadas um dos raros amores secretos do senador. A UnB inventada por Darcy tem hoje pouco dos traços imaginados em 1958, quando esse mineiro de espírito carioca, nascido em 1922, em Montes Claros, sob o signo de escorpião — o das grandes paixões — começou a planejá-la.

Teria a arquitetura de linhas simples e modernas de Oscar Niemeyer, seria a casa da ciência, do saber avançado, das artes, do humanismo solidário. "Imaginava a minha universidade de como uma enorme praça para se namorar, se discutir, se pensar e se mudar o Brasil", dizia com sua fala compulsiva, reclamando que "a UnB virou um monte de vitraça, perdeu aquela leveza planejada por Oscar". "De tudo que ela poderia ter sido, só ficou o Minho-

cão (o prédio central). Mas ao seu lado, quanta arquitetura pretensiosa, vitrineira e tola! Meu Deus, minha filha está horrível". Também é outra a fisionomia da mulher que Darcy amou nos gramados da UnB. Tem cabelos brancos, acompanhou de longe a vida e a morte do antropólogo. Em 1995, ela não resistiu e foi à cerimônia em que Darcy recebeu título de professor "Honoris Causa" da UnB. "Já amei muito sob as estrelas dos gramados da UnB", disse Darcy sem revelar que a amada estava na platéia. No meio de todas estas histórias, está Brasília. A seguir, um pouquinho desses "causos", como o mineiro adorava falar.

A MAIOR AVENTURA

Darcy era um sonhador que levava a sério seus sonhos. A UnB era o sonho que virou realidade, virou "coisa", como dizia o próprio Darcy. A morte também virou coisa.

Dois dias antes de morrer, já num leito do hospital Sarah Kubitschek, Darcy teve uma noite atormentada. Teve sonhos nunca sonhados em seus 74 anos de vida. Sonhou com números. Durante horas, zeros, cinco, nove, sete, dois e quatro revezaram-se insistentemente em sua mente.

Sonhava em encontrar o maior número existente. Somava números e mais números. "Qual seria o maior?", perguntava-se. Na manhã seguinte, em conversa com sua amiga e confidente Vera Brant, passou tempo tentando explicar o que sonhara. Confessou à amiga que, enfim, havia chegado a uma conclusão.

"O maior número é o zero. E zero é a morte!", afirmou, com a lucidez de quem tinha a absoluta convicção de que o fim estava próximo.

ROMPIMENTO VEIO COM GOLPE

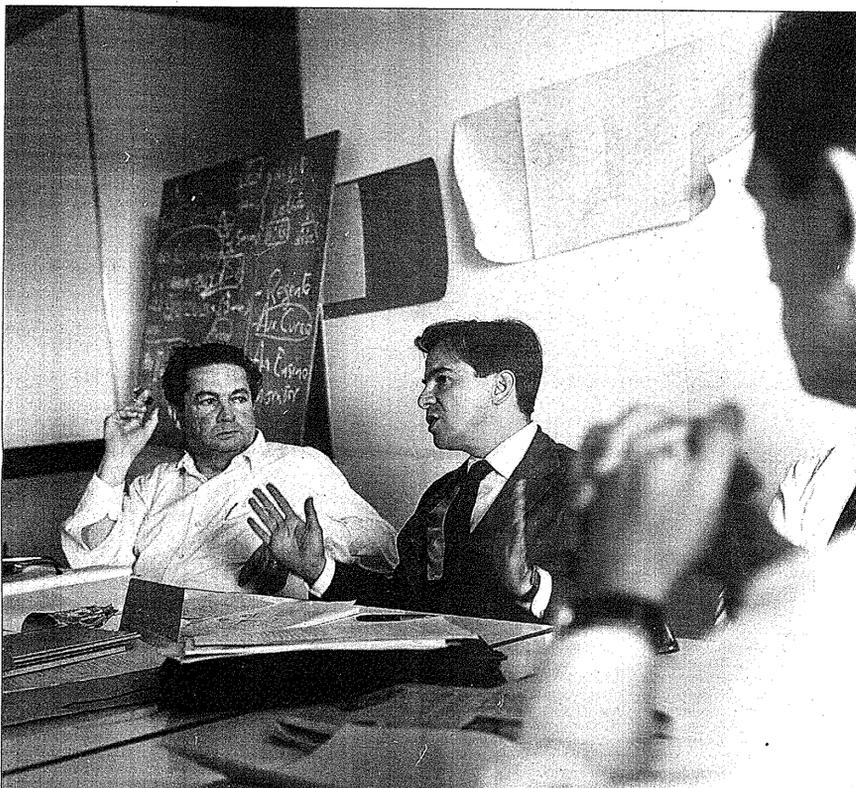
Mas o caso de Darcy com Brasília começou muito antes do fim. Aproveitou e muito a vida na cidade mesmo depois de afastado da UnB, de onde saiu em 1963 para ser ministro de Educação do governo João Goulart.

Nessa época ainda mantinha contato com a universidade. Toda semana pedia aos amigos que fossem ao gabinete relatar o crescimento de sua cria.

"A gente tinha que contar a ele detalhes das obras, dos projetos, das aulas", lembra Lelé Filgueiras, um dos arquitetos que construiu a UnB — inaugurada em dezembro de 1961 — e um dos melhores amigos de Darcy.

O rompimento definitivo do antropólogo com o campus veio com o golpe militar de 1964. Darcy foi cassado e expulso do país. Salu fugido. Só reatou a paixão pela filha única em 1985 quando o professor Cristovam Buarque, hoje governador de Brasília, foi eleito reitor da UnB e substituiu o capitão de mar-e-guerra José Carlos Azevedo.

De lá para cá vários projetos de Darcy foram retomados na Universidade. Nos últimos tempos o que



Darcy Ribeiro, obstinado pela idéia de criar uma universidade fora dos padrões, venceu todas as resistências. Dobrou Niemeyer e JK

BEIJÓDROMO E FUNDAÇÃO DARCY

"Agora minha filha querida, desviada pela ditadura, volta a ser minha namorada. Dizem que falei mal dela. Não é verdade. Apenas lamentei a dor que me doía vê-la avassalada", disse no discurso de posse de Cristovam.

De lá para cá vários projetos de Darcy foram retomados na Universidade. Nos últimos tempos o que

ele mais gostava de falar era o do "beijódromo", projeto pelo próprio Lelé, no prédio da Fundação Darcy, um dos novos edifícios da UnB que já está sendo construído no campus.

"Ele fazia questão do beijódromo. Eu não sabia direito o que era, tivemos que conversar muito. Acabei projetando algo ao ar livre. Falamos sobre o beijódromo um dia antes dele morrer. Falamos pelo telefone", contou Lelé, sempre lembrando que apesar da

doença, o velho amigo se manteve entusiasmado. Mandou um beijo ao final do papo.

DE PASTINHA NA MÃO O COMEÇO DA HISTÓRIA

A largada da UnB foi dada antes de Brasília existir. Darcy, primeiro avesso a idéia de transferir a capital da República para o Planalto Central acabou cedendo aos en-

cantos do presidente Juscelino Kubitschek. Viu na nova cidade uma brecha para realizar seu antigo sonho de fundar uma universidade diferente dos padrões acadêmicos da época.

Foi assim que passou a peregrinar pelo Rio de Janeiro com uma pastinha embaixo do braço tentando convencer intelectuais e gente do governo de que a UnB era uma utopia possível e necessária ao Brasil. Muitos eram contra. O próprio JK fazia ressalvas, ten-

dia a concordar com Israel Pinheiro, engenheiro construtor de Brasília que acreditava que aqui não era lugar para estudantes universitários nem para operários.

"Israel achava que fariam baderna na cidade", conta Elvin MacKay, arquiteto, professor da UnB e amigo de Darcy, desde a década de 50.

Foi nos anos 50 que Darcy apresentou a idéia da UnB a Oscar Niemeyer. Visitou o escritório do arquiteto no Rio para pedir que projetasse a Universidade. Darcy falou de maneira tão entusiasmada do que poderia ser a UnB que na saída Niemeyer não resistiu e comentou: "um projeto tão grande e um homem tão só".

A VINGANÇA DAS ÁRVORES

A solidão apavorava e fascinava Darcy. À exceção do apartamento de Brasília, todas as suas casas, a do Rio e a de Maricá, tinham apenas um quarto. Quando recebia visitas sempre dava um jeito de mandar logo a pessoa embora. "Ele dizia: não vai embora não?", conta Celso Medeiros, o assessor parlamentar de Darcy no Senado.

Mandava as visitas embora mas tinha medo de ficar sozinho. Em Brasília, a enfermeira Cilene jamais abandonava o posto. Darcy adorava que cuidassem dele. "Cafuné, até de macaco", brincava.

De hábitos simples, o que gostava mesmo era música, árvore e livros. Em seu apartamento na SQS 309, ele adorava ver o entardecer ouvindo música clássica no *walkman*. Na entrada da quadra, cumprimentava todos os dias três árvores. Eram as "três mariais", dizia ele.

No "Eixão" costumava pedir ao motorista que parasse para olhar os ipês coloridos, seus prediletos. "Quando a gente veio para cá nos anos 60 ninguém acreditava que nessa terra as plantas vingariam. Vingaram, só de vingança contra nossa descrença", contava.

Outro costume de sempre era ir a chácara da amiga Tereza Teixeira, sua chefe de gabinete. Lá, num lugar perto do Gama, o antropólogo que passou anos em aldeia indígena se esbaldava. Ficava horas num caramanchão, construído dentro da mata. "Estou na Amazônia", divertia-se.

Começa pelo século XIX lembrando da bisavó, que ficou viúva e arranjou um amante. Para fugir dos comentários maldosos da pequena Montes Claros, a bisavó decidiu casar o amante com sua própria filha, a avó de Darcy. Num domingo, a avó de Darcy voltou mais cedo da missa e encontrou o marido saindo de ceroulas do quarto da mãe. Passou a odiá-lo e a tratá-lo apenas de "o homem" ou "ele". Nunca mais pronunciou seu nome.

Apesar do ódio mortal que dedicava ao marido, a avó de Darcy teve oito filhos dele. Assim como a mãe, também ficou viúva. Quando estava morrendo, fez seu último pedido: não queria ser enterrada, de jeito nenhum ao lado do "homem". Disse isso e morreu.

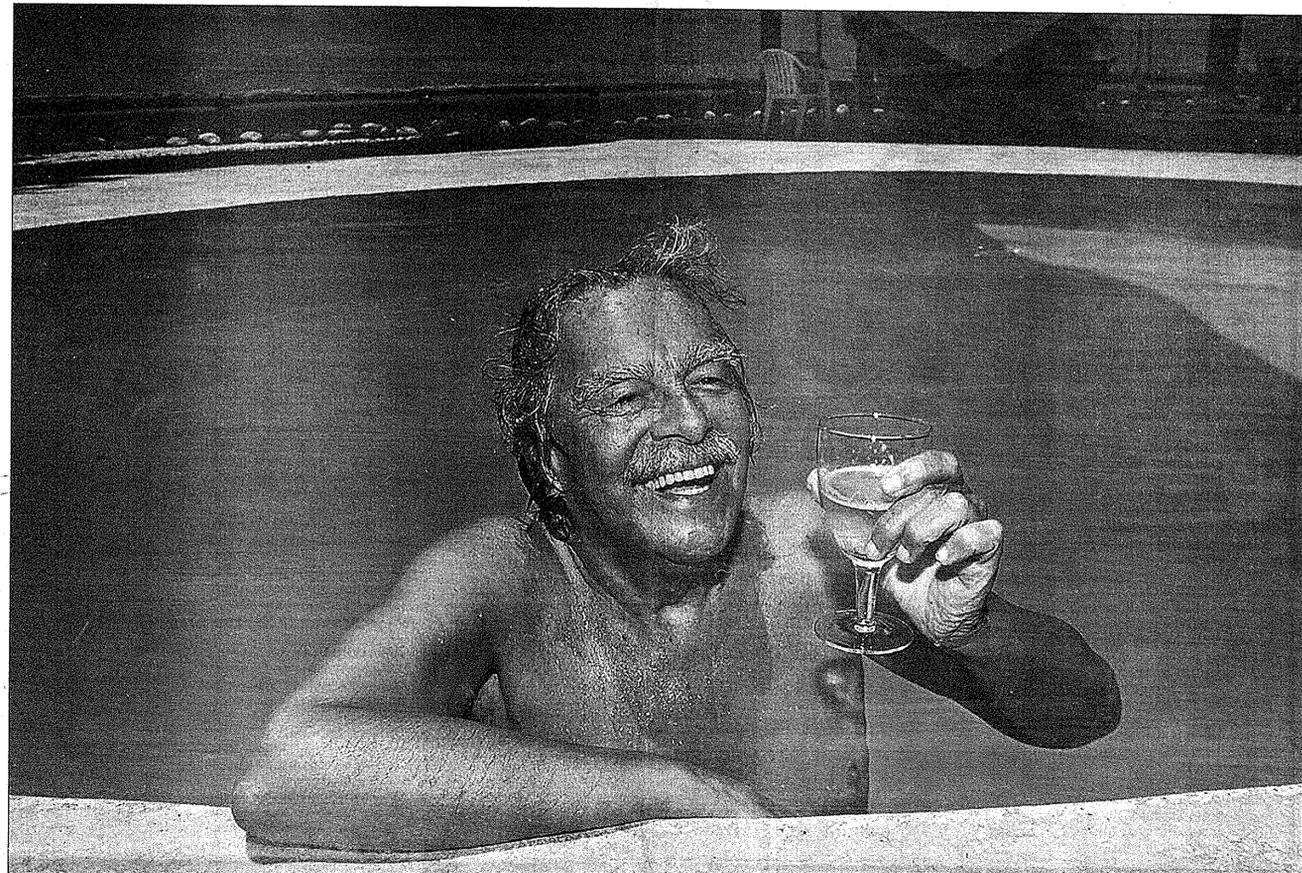
No final de *Confissões* Darcy Ribeiro se despede da vida. Lamenta não ter "mais tempo para contar novas histórias" e conclui: "Vim para essa vida com uma missão e acho que fiz tudo o que poderia ter feito".

Apesar da despedida em *Confissões*, Darcy confidenciava aos amigos mais chegados que tinha em mente um romance, que gostaria de escrever se o

CB-23/02/97

K4R00196

Marco Antonio Teixeira/AG



Darcy Ribeiro abre o jogo e despede-se da vida em *Confissões*, seu último livro, a ser editado em breve. Aos amigos mais próximos, revelou que já tinha na cabeça a história para escrever um novo romance

AS CONFISSÕES

Paixões secretas, lembranças da infância, o exílio. Darcy abriu o jogo em livro inédito

Ronaldo Brasiense Da equipe do Correio

Confissões, livro inédito de Darcy Ribeiro, vai desnudar a vida do polêmico e vaidoso antropólogo, escritor e político, desde a sua infância, em Montes Claros (MG), até os dias atuais, em Brasília, na luta contra o câncer que o consumia.

Os incontáveis amores, a vida entre os índios, os anos no exílio durante a ditadura militar, a convivência com amigos e inimigos, a política e os sonhos de Darcy Ribeiro estão condensados num calhamaço de 500 páginas que, muito breve, estará editado. Em *Confissões*, Darcy abre o jogo sobre sua vida como nunca tinha feito antes.

Começa pelo século XIX lembrando da bisavó, que ficou viúva e arranjou um amante. Para fugir dos comentários maldosos da pequena Montes Claros, a bisavó decidiu casar o amante com sua própria filha, a avó de Darcy. Num domingo, a avó de Darcy voltou mais cedo da missa e encontrou o marido saindo de ceroulas do quarto da mãe. Passou a odiá-lo e a tratá-lo apenas de "o homem" ou "ele". Nunca mais pronunciou seu nome.

Apesar do ódio mortal que dedicava ao marido, a avó de Darcy teve oito filhos dele. Assim como a mãe, também ficou viúva. Quando estava morrendo, fez seu último pedido: não queria ser enterrada, de jeito nenhum ao lado do "homem". Disse isso e morreu.

No final de *Confissões* Darcy Ribeiro se despede da vida. Lamenta não ter "mais tempo para contar novas histórias" e conclui: "Vim para essa vida com uma missão e acho que fiz tudo o que poderia ter feito".

Apesar da despedida em *Confissões*, Darcy confidenciava aos amigos mais chegados que tinha em mente um romance, que gostaria de escrever se o

câncer permitisse. Não teve tempo.

UM MULHERENGO QUE CHUTAVA MUITO

A fama de mulherengo, que Darcy Ribeiro gostava de exibir por onde andava, não passava, em grande parte, de invenção. Ao contrário do que propalava, Darcy Ribeiro sempre teve relações amorosas sólidas.

Com a antropóloga Berta Ribeiro — a única com quem casou oficialmente, em juízo — viveu 30 anos. Com sua segunda mulher, Cláudia Zarvos, conviveu por mais de 10 anos. Sua última companheira, Irene Ferraz, partilhou da companhia de Darcy Ribeiro por mais seis anos. Somente com as três, Darcy Ribeiro passou 46 anos de seus 74 anos de vida.

Darcy Ribeiro dava, é verdade, algumas "escapulidas". E suas mulheres sempre tiveram que suportar seus casos extra-conjugais. É o que revela a empresária Vera Brant, amiga e confidente de Darcy por mais de 40 anos, garantindo que o polêmico antropólogo, escritor e político contava muita vantagem em relação às mulheres, mas inventava casos amorosos que, na realidade, nunca teve. "Darcy chutava muito", assegura.

Vera Brant lembra que em 1989 Darcy Ribeiro — já com mais de 60 anos — deu uma entrevista a um programa de televisão e confessou que estava namorando uma jovem de 25 anos. "Ela é linda e ca-

rinhosa", gabou-se Darcy.

"Depois, quando os amigos perguntaram sobre quem era essa misteriosa namorada, Darcy riu muito e disse: — É tudo mentira. Eu falo que tenho uma namorada de 25 anos para que as meninas de 25 anos fiquem animadinhas", recordou Vera Brant. Galanteador emérito, Darcy não perdia oportunidade para dar uma "cantada" em mulheres bonitas. Se colasse...

Outra namorada que marcou a vida de Darcy, segundo Vera Brant, foi uma milionária venezuelana — filha de uma magnata do petróleo e dono de jornal — que conheceu quando vivia em Lima, no Peru.

"Ela (a namorada venezuelana) tem 26 anos, é lindíssima, e tem um castelo em Dusseldorf, na Alemanha", contou Darcy a Vera Brant. Nos idos de 1978, quando já havia retornado ao Brasil, "A Berta (à época mulher de Darcy) chegou a me pedir ajuda para acabar com esse romance", recorda Vera Brant.

O namoro com a milionária venezuelana acabou cedo. Darcy dizia que não tinha saco para viver em castelo na Alemanha, escrevendo livros, e muito menos de viver na dependência de mulher.

Darcy Ribeiro não perdia oportunidade para propagar seus feitos sexuais. Em Brasília, meses atrás, em conversa com o cineasta Silvio Tendler, então secretário de Cultura do Distrito Federal, disparou: "Você conhece alguém que já tenha transado com avó, mãe e filha de uma mesma família?". E respondeu, sem esperar resposta: "Eu já transei!"

NAMORAR, ESCREVER E VER NOVELA NA TV

Nos últimos dias de vida, muito debilitado, Darcy convivia com a certeza da morte. Lamentava não viver o suficiente para fazer coisas importantes, como namorar, namorar, namorar, escrever livros e assistir ao final da novela Xica da Silva, da TV Manchete.

No sábado, 15, esbanjando bom humor apesar das dores persistentes, das transfusões de sangue e do clima de hospital, que detestava, propôs a Vera Brant que trocasse de lugar com ele. "Você morre e eu vivo", disse, ironizando a própria situação.

Para animá-lo, Vera Brant pediu aos amigos que ligassem para o hospital. O primeiro a telefonar foi o arquiteto Oscar Niemeyer, seu grande amigo, responsável pelo projeto da sede da Fundação Darcy Ribeiro, a ser construída próxima à reitoria da Universidade de Brasília.

Darcy se queixa: diz que está morrendo. E recebe carinhos do homem que projetou os mais importantes monumentos de Brasília. "Que é isso, Darcy? Vamos morrer juntos só daqui a 20 anos!", incentivou Niemeyer. O governador Cristovam Buarque também telefonou. Detalhou o convênio que vai assegurar a implantação da Fundação Darcy Ribeiro. Cristovam adiantou que, pelos termos do convênio, a Fundação teria espaço garantido, numa área de dois mil metros quadrados, por 100 anos, renováveis por mais 100 anos. "Darcy ficou feliz", revela Vera Brandt, concluindo, emocionada: "ele viverá para sempre".

Filhotes espalhados por todo o país

Cristina Ávila Da equipe do Correio

Depois de construir e reformar várias universidades no Brasil e no exterior — Uruguai, Peru, Venezuela e Argélia — Darcy Ribeiro estava trabalhando em mais um de seus sonhos: "estou inventando minha universidade ideal" dizia, referindo-se à Universidade Aberta do Brasil (UAB).

Darcy Ribeiro estava criando uma instituição onde os alunos pudessem escolher os horários de

estudos e acompanhar os cursos através de computadores e aparelhos de TV. Buscava favorecer aqueles que não conseguem matricular-se por impossibilidades familiares, profissionais e econômicas.

Darcy Ribeiro escolheu os melhores professores de cada área de conhecimento. Já conta com Oscar Niemeyer e Celso Furtado. Para a produção em vídeo e CD-ROM, montou a Central de Teleeducação e Hiperídia da própria UAB e assegurou a colaboração da Fundação Ro-

quete Pinto-TVE, para a gravação em vídeo de aulas adicionais e para a transmissão dos cursos ao país, entre 7h e 12h.

Escolheu Brasília como ninho onde colocaria o ovo da UAB. Querida espalhar seus filhotes pelo país inteiro. "Criá-la é a perspectiva aberta pela nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que restringe a frequência obrigatória, possibilitando o ensino à distância para os níveis fundamental, médio e superior", descreveu em seu projeto.

A idéia era antiga, inspirada na *Open University*, de Londres, e em exemplos de Madri (Espanha) e Caracas (Venezuela). Mas somente começaria a deslanchar em junho do ano passado, quando a legislação permitiu que aulas acontecessem sem a presença permanente do professor.

Darcy Ribeiro construiu um centro de atendimento da UAB no Conic, área central de Brasília. Não chegou a conhecer o local. "Não podia subir escadas. Mostramos tudo para ele em vídeo, conta a videasta Tânia Quaresma, que trabalha no projeto. "Ele ficou todo feliz", diz. Valeu Darcy.



Depois da UnB, Darcy alimentava nova cria, a Universidade Aberta

"IMAGINAVA A MINHA UNIVERSIDADE COMO UMA ENORME PRAÇA PARA SE NAMORAR, SE DISCUTIR, SE PENSAR E SE MUDAR O BRASIL",

"NÃO HÁ TEMPO DE CONTAR NOVAS HISTÓRIAS. VIM PARA ESSA VIDA COM UMA MISSÃO E ACHO QUE FIZ TUDO O QUE PODERIA TER FEITO"

O INTELECTUAL

Darcy classificava de "bizarra" a antropologia atual, por achar que ela passou a tratar apenas de minorias

Luiz Alberto Weber
Da equipe do Correio

Darcy Ribeiro ganhou dos intelectuais um apelido que era a sua cara: Darciso. É um trocadilho com o nome do mítico personagem grego que se apaixonou pela própria imagem projetada no espelho — Narciso.

"Eu sou realmente vaidoso. Tenho mesmo uma tendência a desprezar os modestos, porque acredito que a modéstia é uma atitude dos medíocres, daqueles que estão contentes consigo mesmos e com o mundo", costumava dizer.

Não era uma vaidade injustificada — pelo menos intelectualmente ela se sustentava. Darcy estará em qualquer lista dos melhores antropólogos (estudiosos dos homens e da sociedade) que se faça na América Latina hoje e daqui a 100 anos.

O mais famoso antropólogo deste século, o francês Claude Lévi-Strauss, disse, logo depois da morte de Darcy, que o brasileiro deixava uma obra importante e admirável.

A produção intelectual de Darcy ganhou projeção com a publicação de *Religião e Mitologia Kaditwé*, em 1950. No livro, Darcy relata os mitos e descreve a religião dessa tribo localizada entre o Pará e o Maranhão.

"É um texto clássico da etnologia brasileira", afirma o antropólogo Roberto Cardoso Oliveira, fundador com Darcy do Museu do Índio, no Rio de Janeiro, e professor da Universidade de Brasília (UnB).

Na bíblia da antropologia nacional, *Etnologia Brasileira*, do alemão Herbert Baldus, lançado em 1954, Darcy já era citado como autor de uma obra monumental.

Mesmo assim os livros de Darcy estão fora da bibliografia sugerida pelos departamentos de Antropologia da Universidade de Campinas (Unicamp) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) aos candidatos ao curso de pós-graduação.

ESPELHO

Mas Darcy nunca foi o que sua imagem no espelho mais desejara: um teórico do Brasil — alguém que fornecesse aos brasileiros uma chave de entendimento do país.

Numa época em que os *bambambãs* da academia ocupavam-se de pedaços do país — como o impacto das telenovelas na população rural ou dos homossexuais —



Darcy viveu com os índios Kaapor por dois anos. Seus estudos antropológicos ganharam fama no exterior

Darcy tentou compor um grande painel da civilização nacional. "A antropologia atual só sabe tratar de minorias, de grupos especiais, é bizarra. Saí dos índios para estudar as prostitutas, os velhos, os homossexuais. Trabalha com os grupos desviantes; é o desvio da antropologia", criticava.

Mas o que Darcy pretendia ser — sumo pontífice da ciência humana brasileira como Caio Prado, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre — ele não foi. Embora dissesse que sim.

"Fui o único teórico latino-americano a provocar discussão internacional. O único teórico brasileiro sou eu. Os meus estudos sobre a antropologia das civilizações têm 146 edições", dizia.

O senador-antropólogo, que detestava metodologias científicas, era, de fato, um agitador cultural de primeira, um grande antropólogo e uma inteligência brilhante. Mas esse tufo mental repercutiu em seus livros através de generalizações e chutes.

Em alguns trechos de *O Povo Brasileiro*, Darcy diz que "o Brasil é o lugar mais fascinante do

mundo, o índio um ser superior e o mameleuco um herói da Roma imperial".

O próprio Darcy reconhecia suas limitações metodológicas dizendo: "a procura intelectual dessas generalizações é irresistível".

Professor da Universidade Notre Dame, nos Estados Unidos, o antropólogo Roberto Da Matta, acredita que Darcy falou em sua missão de criar uma história da civilização nacional.

Referindo-se ao *O Povo Brasileiro*, Darcy diz que "o Brasil é o lugar mais fascinante do

americano a provocar discussão internacional. O único teórico brasileiro sou eu. Os meus estudos sobre a antropologia das civilizações têm 146 edições", dizia.

O senador-antropólogo, que detestava metodologias científicas, era, de fato, um agitador cultural de primeira, um grande antropólogo e uma inteligência brilhante. Mas esse tufo mental repercutiu em seus livros através de generalizações e chutes.

Em alguns trechos de *O Povo Brasileiro*, Darcy diz que "o Brasil é o lugar mais fascinante do

mundo, o índio um ser superior e o mameleuco um herói da Roma imperial".

O próprio Darcy reconhecia suas limitações metodológicas dizendo: "a procura intelectual dessas generalizações é irresistível".

Professor da Universidade Notre Dame, nos Estados Unidos, o antropólogo Roberto Da Matta, acredita que Darcy falou em sua missão de criar uma história da civilização nacional.

Referindo-se ao *O Povo Brasileiro*, Darcy diz que "o Brasil é o lugar mais fascinante do

americano a provocar discussão internacional. O único teórico brasileiro sou eu. Os meus estudos sobre a antropologia das civilizações têm 146 edições", dizia.

O senador-antropólogo, que detestava metodologias científicas, era, de fato, um agitador cultural de primeira, um grande antropólogo e uma inteligência brilhante. Mas esse tufo mental repercutiu em seus livros através de generalizações e chutes.

Em alguns trechos de *O Povo Brasileiro*, Darcy diz que "o Brasil é o lugar mais fascinante do

mundo, o índio um ser superior e o mameleuco um herói da Roma imperial".

O próprio Darcy reconhecia suas limitações metodológicas dizendo: "a procura intelectual dessas generalizações é irresistível".

Professor da Universidade Notre Dame, nos Estados Unidos, o antropólogo Roberto Da Matta, acredita que Darcy falou em sua missão de criar uma história da civilização nacional.

Referindo-se ao *O Povo Brasileiro*, Darcy diz que "o Brasil é o lugar mais fascinante do

americano a provocar discussão internacional. O único teórico brasileiro sou eu. Os meus estudos sobre a antropologia das civilizações têm 146 edições", dizia.

O senador-antropólogo, que detestava metodologias científicas, era, de fato, um agitador cultural de primeira, um grande antropólogo e uma inteligência brilhante. Mas esse tufo mental repercutiu em seus livros através de generalizações e chutes.

Em alguns trechos de *O Povo Brasileiro*, Darcy diz que "o Brasil é o lugar mais fascinante do

mundo, o índio um ser superior e o mameleuco um herói da Roma imperial".

O próprio Darcy reconhecia suas limitações metodológicas dizendo: "a procura intelectual dessas generalizações é irresistível".

Professor da Universidade Notre Dame, nos Estados Unidos, o antropólogo Roberto Da Matta, acredita que Darcy falou em sua missão de criar uma história da civilização nacional.

Referindo-se ao *O Povo Brasileiro*, Darcy diz que "o Brasil é o lugar mais fascinante do

americano a provocar discussão internacional. O único teórico brasileiro sou eu. Os meus estudos sobre a antropologia das civilizações têm 146 edições", dizia.

O senador-antropólogo, que detestava metodologias científicas, era, de fato, um agitador cultural de primeira, um grande antropólogo e uma inteligência brilhante. Mas esse tufo mental repercutiu em seus livros através de generalizações e chutes.

Em alguns trechos de *O Povo Brasileiro*, Darcy diz que "o Brasil é o lugar mais fascinante do

mundo, o índio um ser superior e o mameleuco um herói da Roma imperial".

O próprio Darcy reconhecia suas limitações metodológicas dizendo: "a procura intelectual dessas generalizações é irresistível".

Professor da Universidade Notre Dame, nos Estados Unidos, o antropólogo Roberto Da Matta, acredita que Darcy falou em sua missão de criar uma história da civilização nacional.

Referindo-se ao *O Povo Brasileiro*, Darcy diz que "o Brasil é o lugar mais fascinante do

americano a provocar discussão internacional. O único teórico brasileiro sou eu. Os meus estudos sobre a antropologia das civilizações têm 146 edições", dizia.

O senador-antropólogo, que detestava metodologias científicas, era, de fato, um agitador cultural de primeira, um grande antropólogo e uma inteligência brilhante. Mas esse tufo mental repercutiu em seus livros através de generalizações e chutes.

Em alguns trechos de *O Povo Brasileiro*, Darcy diz que "o Brasil é o lugar mais fascinante do

mundo, o índio um ser superior e o mameleuco um herói da Roma imperial".

O próprio Darcy reconhecia suas limitações metodológicas dizendo: "a procura intelectual dessas generalizações é irresistível".

Professor da Universidade Notre Dame, nos Estados Unidos, o antropólogo Roberto Da Matta, acredita que Darcy falou em sua missão de criar uma história da civilização nacional.

Referindo-se ao *O Povo Brasileiro*, Darcy diz que "o Brasil é o lugar mais fascinante do

americano a provocar discussão internacional. O único teórico brasileiro sou eu. Os meus estudos sobre a antropologia das civilizações têm 146 edições", dizia.

O senador-antropólogo, que detestava metodologias científicas, era, de fato, um agitador cultural de primeira, um grande antropólogo e uma inteligência brilhante. Mas esse tufo mental repercutiu em seus livros através de generalizações e chutes.

Em alguns trechos de *O Povo Brasileiro*, Darcy diz que "o Brasil é o lugar mais fascinante do

mundo, o índio um ser superior e o mameleuco um herói da Roma imperial".

O próprio Darcy reconhecia suas limitações metodológicas dizendo: "a procura intelectual dessas generalizações é irresistível".

Professor da Universidade Notre Dame, nos Estados Unidos, o antropólogo Roberto Da Matta, acredita que Darcy falou em sua missão de criar uma história da civilização nacional.

Referindo-se ao *O Povo Brasileiro*, Darcy diz que "o Brasil é o lugar mais fascinante do

americano a provocar discussão internacional. O único teórico brasileiro sou eu. Os meus estudos sobre a antropologia das civilizações têm 146 edições", dizia.

O senador-antropólogo, que detestava metodologias científicas, era, de fato, um agitador cultural de primeira, um grande antropólogo e uma inteligência brilhante. Mas esse tufo mental repercutiu em seus livros através de generalizações e chutes.

Em alguns trechos de *O Povo Brasileiro*, Darcy diz que "o Brasil é o lugar mais fascinante do

mundo, o índio um ser superior e o mameleuco um herói da Roma imperial".

O próprio Darcy reconhecia suas limitações metodológicas dizendo: "a procura intelectual dessas generalizações é irresistível".

Professor da Universidade Notre Dame, nos Estados Unidos, o antropólogo Roberto Da Matta, acredita que Darcy falou em sua missão de criar uma história da civilização nacional.

Referindo-se ao *O Povo Brasileiro*, Darcy diz que "o Brasil é o lugar mais fascinante do

NO EXÍLIO A INSPIRAÇÃO MAIOR

Natal Eustáquio
Da equipe do Correio

Foi durante os 15 anos de exílio, vividos entre a Venezuela, Peru e, sobretudo no Uruguai, que o antropólogo, etnólogo, senador e professor Darcy Ribeiro escreveu boa parte de sua obra — mais de 30 livros publicados, entre romances e estudos antropológicos.

"Vivi lá minha idade mais fecunda", dizia. Foi no exílio, por exemplo, que Darcy Ribeiro preparou os cinco volumes da série Estudos de Antropologia da Civilização. São eles: O Processo Civilizatório, As Américas e a Civilização, O dilema da América Latina, Os índios e a Civilização e Os Brasileiros.

O filósofo José Arthur Giannotti, da Universidade de São Paulo (USP), afirma a importância do Darcy antropólogo e a genialidade do ensaísta. Mas discorda do teórico do Brasil.

"O livro *Arte plumária* é extraordinariamente belo, mas o resto da obra que pretende oferecer uma visão completa do Brasil, embora sejam ensaios brilhantes, é menos importante", diz Giannotti.

OBRA CONFUSA
A repercussão no exterior a qual se referia Darcy não era tão unânime assim. O antropólogo Andrew Hunter Whiteford, da Universidade Wisconsin, por exemplo criticou *O Processo Civilizatório* quando esse foi lançado nos Estados Unidos.

"O livro é um trabalho de erudição e um ato de coragem porque o autor expõe suas formulações teóricas e interpretações deficientes dos acontecimentos. Soa muito estranho e em divergência com a objetividade científica do livro".

Outra crítica veio de Cynthia Nelson, da Universidade do Cairo, que escreveu um pequeno ensaio sobre o livro dizendo "duvidar dos achados de Darcy".

Frederic Hicks, da Universidade de Louisville, afirmou que "qualquer exame de áreas e períodos citados nos livros de Darcy levantaria questões sobre algumas generalizações".

Todos esses são antropólogos menores e sem importância em seus próprios países, mas que apontam um defeito comum na obra ensaística do Darcy explicador do Brasil.

Não importa. Darcy Ribeiro continua sendo a despeito de sua vaidade e ensaios delirantes um dos maiores intelectuais brasileiros. "Ele foi um dos grandes intelectos do país", sentença o crítico literário Antônio Cândido.

Os conhecimentos acumulados durante os dez anos em que o senador viveu entre os índios, de diferentes tribos, também renderam algumas obras. "Foram os melhores anos da minha vida. Os índios me encantaram. O primeiro encantamento foi ver a sociedade solidária em que vivem", repetia sempre.

Diários Índios — Os Urubus-Kaapor, por exemplo, traz as experiências vividas pelo antropólogo na aldeia dos Caiaipó, no Maranhão. Foram descritas em forma de cartas à esposa Berta Ribeiro. Encheram cinco diários. Relançado em agosto de 1996, o livro já vendeu mais de 6 mil exemplares.

No acervo deixado pelo antropólogo e senador Darcy Ribeiro, encontram-se três livros inéditos. Confissões, um relato intimista, autobiográfico; o livro de poemas eróticos Eros e Tânatos, que Darcy pediu para que fosse publicado depois de sua morte; e *Josua*, um romance urbano, ambientado no Rio de Janeiro, que tem como personagem principal um homossexual às voltas com dilemas sobre sua sexualidade, ao qual Darcy não chegou a dar forma final. As obras estão em poder da Fundação Darcy Ribeiro, recém criada.

plamente, brasileira — ou um jeito brasileiro de compreender o Brasil. Ele entendeu como poucos que essa enorme confusão abaixo do Equador era algo cultural e socialmente distinto das sociedades europeias que geraram os modelos clássicos de análise sociológica e antropológica.

Esse achado do Darcy intelectual inspirou quase todas as ações do Darcy homem público. Do Parque Nacional do Xingu à UnB, dos Cieps ao Sambódromo, todas as suas obras como administrador demonstram uma preocupação em encontrar caminhos próprios para mudar o país para melhor.

A mesma, vamos lá, brasilidade era um óbvio ingrediente de sua vida pessoal. Do Darcy que adorava Caetano e Gil, festeiro e mulherengo, que acreditou até o final que o Brasil não estava condenado a ser eternamente "o país do futuro". O futuro, sonhou ele, um dia poderia — e, quem sabe, poderá — virar presente.

LÍNGUA SOLTA E LIVRE

O relato inédito das travessuras de Darcy Ribeiro, onde ele fala dos amores, dos livros, do casamento, da vida

André Campos
Especial para o Correio

Era fevereiro de 1996. O Senado havia aprovado o substitutivo do senador Darcy Ribeiro para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Naquela semana, o Correio esteve por três vezes no famoso apartamento da 309 Sul.

Darcy estava eufórico, rodeado de mulheres. "Vivo um momento de muita felicidade", disse ele, na primeira entrevista, em que o assunto foi essencialmente Educação.

Com uma sonda no nariz, e entre interrupções para injeções de hormônio na barriga, o antropólogo recebeu a reportagem pela segunda vez. Um ano depois a doença o venceria. Mas, naquela época, o fim parecia estar mais perto.

Depois de 22 anos, o câncer havia minado por completo o homem de 72. Darcy conversou um pouco sobre política, mas como a voz falhava e as dores aumentavam, pediu para continuar o papo noutro dia.

Na manhã seguinte, a reportagem voltou. O escritor, para a surpresa geral, estava bem melhor. Falante, Darcy anunciou de saída: "Hoje só falo de minhas travessuras". Foi o que aconteceu.

Aqui, o relato das travessuras de Darcy Ribeiro, ainda inédito. São saborosas conta histórias — de seus dois grandes amores, de esperança no Brasil, no Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). A receita de quem acima de tudo curtiu e saboreou a vida até o último gole.

LIVROS

"O livro que me marcou foi *Casa Grande e Senzala*, do Gilberto Freyre. Todo esquerda é contra *Casa Grande e Senzala* por estupidicez. Primeiro, porque não é marxista, como se diz marxistas pudessem fazer coisas sábias. Segundo, porque Gilberto é uma flor de reacionário. Mas aconteceu que, reacionário ou não, ele fez o livro mais importante do Brasil.

Antes dele, você podia dizer tranqüilamente que o maior livro do Brasil é os Serões (de Euclides da Cunha). Embora seja um relato metido a científico, é um livro literariamente construído e de intensa beleza, traduzido para muitas línguas e admirado no mundo. Mas *Casa Grande e Senzala* é dez vezes mais bonito, dez vezes mais bem escrito, dez vezes mais importante. Foi o primeiro retrato que os brasileiros tiveram de si mesmo. Então nós devemos a Gilberto uma das grandes obras do Brasil, que os esquerdistas terão um dia que engolir, porque ele é bom demais para ser negado.

Antes dele, você podia dizer tranqüilamente que o maior livro do Brasil é os Serões (de Euclides da Cunha). Embora seja um relato metido a científico, é um livro literariamente construído e de intensa beleza, traduzido para muitas línguas e admirado no mundo. Mas *Casa Grande e Senzala* é dez vezes mais bonito, dez vezes mais bem escrito, dez vezes mais importante. Foi o primeiro retrato que os brasileiros tiveram de si mesmo. Então nós devemos a Gilberto uma das grandes obras do Brasil, que os esquerdistas terão um dia que engolir, porque ele é bom demais para ser negado.

Antes dele, você podia dizer tranqüilamente que o maior livro do Brasil é os Serões (de Euclides da Cunha). Embora seja um relato metido a científico, é um livro literariamente construído e de intensa beleza, traduzido para muitas línguas e admirado no mundo. Mas *Casa Grande e Senzala* é dez vezes mais bonito, dez vezes mais bem escrito, dez vezes mais importante. Foi o primeiro retrato que os brasileiros tiveram de si mesmo. Então nós devemos a Gilberto uma das grandes obras do Brasil, que os esquerdistas terão um dia que engolir, porque ele é bom demais para ser negado.

Antes dele, você podia dizer tranqüilamente que o maior livro do Brasil é os Serões (de Euclides da Cunha). Embora seja um relato metido a científico, é um livro literariamente construído e de intensa beleza, traduzido para muitas línguas e admirado no mundo. Mas *Casa Grande e Senzala* é dez vezes mais bonito, dez vezes mais bem escrito, dez vezes mais importante. Foi o primeiro retrato que os brasileiros tiveram de si mesmo. Então nós devemos a Gilberto uma das grandes obras do Brasil, que os esquerdistas terão um dia que engolir, porque ele é bom demais para ser negado.

Antes dele, você podia dizer tranqüilamente que o maior livro do Brasil é os Serões (de Euclides da Cunha). Embora seja um relato metido a científico, é um livro literariamente construído e de intensa beleza, traduzido para muitas línguas e admirado no mundo. Mas *Casa Grande e Senzala* é dez vezes mais bonito, dez vezes mais bem escrito, dez vezes mais importante. Foi o primeiro retrato que os brasileiros tiveram de si mesmo. Então nós devemos a Gilberto uma das grandes obras do Brasil, que os esquerdistas terão um dia que engolir, porque ele é bom demais para ser negado.

Antes dele, você podia dizer tranqüilamente que o maior livro do Brasil é os Serões (de Euclides da Cunha). Embora seja um relato metido a científico, é um livro literariamente construído e de intensa beleza, traduzido para muitas línguas e admirado no mundo. Mas *Casa Grande e Senzala* é dez vezes mais bonito, dez vezes mais bem escrito, dez vezes mais importante. Foi o primeiro retrato que os brasileiros tiveram de si mesmo. Então nós devemos a Gilberto uma das grandes obras do Brasil, que os esquerdistas terão um dia que engolir, porque ele é bom demais para ser negado.

Antes dele, você podia dizer tranqüilamente que o maior livro do Brasil é os Serões (de Euclides da Cunha). Embora seja um relato metido a científico, é um livro literariamente construído e de intensa beleza, traduzido para muitas línguas e admirado no mundo. Mas *Casa Grande e Senzala* é dez vezes mais bonito, dez vezes mais bem escrito, dez vezes mais importante. Foi o primeiro retrato que os brasileiros tiveram de si mesmo. Então nós devemos a Gilberto uma das grandes obras do Brasil, que os esquerdistas terão um dia que engolir, porque ele é bom demais para ser negado.

Antes dele, você podia dizer tranqüilamente que o maior livro do Brasil é os Serões (de Euclides da Cunha). Embora seja um relato metido a científico, é um livro literariamente construído e de intensa beleza, traduzido para muitas línguas e admirado no mundo. Mas *Casa Grande e Senzala* é dez vezes mais bonito, dez vezes mais bem escrito, dez vezes mais importante. Foi o primeiro retrato que os brasileiros tiveram de si mesmo. Então nós devemos a Gilberto uma das grandes obras do Brasil, que os esquerdistas terão um dia que engolir, porque ele é bom demais para ser negado.

Antes dele, você podia dizer tranqüilamente que o maior livro do Brasil é os Serões (de Euclides da Cunha). Embora seja um relato metido a científico, é um livro literariamente construído e de intensa beleza, traduzido para muitas línguas e admirado no mundo. Mas *Casa Grande e Senzala* é dez vezes mais bonito, dez vezes mais bem escrito, dez vezes mais importante. Foi o primeiro retrato que os brasileiros tiveram de si mesmo. Então nós devemos a Gilberto uma das grandes obras do Brasil, que os esquerdistas terão um dia que engolir, porque ele é bom demais para ser negado.

Antes dele, você podia dizer tranqüilamente que o maior livro do Brasil é os Serões (de Euclides da Cunha). Embora seja um relato metido a científico, é um livro literariamente construído e de intensa beleza, traduzido para muitas línguas e admirado no mundo. Mas *Casa Grande e Senzala* é dez vezes mais bonito, dez vezes mais bem escrito, dez vezes mais importante. Foi o primeiro retrato que os brasileiros tiveram de si mesmo. Então nós devemos a Gilberto uma das grandes obras do Brasil, que os esquerdistas terão um dia que engolir, porque ele é bom demais para ser negado.

Antes dele, você podia dizer tranqüilamente que o maior livro do Brasil é os Serões (de Euclides da Cunha). Embora seja um relato metido a científico, é um livro literariamente construído e de intensa beleza, traduzido para muitas línguas e admirado no mundo. Mas *Casa Grande e Senzala* é dez vezes mais bonito, dez vezes mais bem escrito, dez vezes mais importante. Foi o primeiro retrato que os brasileiros tiveram de si mesmo. Então nós devemos a Gilberto uma das grandes obras do Brasil, que os esquerdistas terão um dia que engolir, porque ele é bom demais para ser negado.

Paulo de Araújo 3.02.95



O antropólogo saboreou a vida até o último gole. "Viver tanto quanto possível é o melhor do mundo", dizia

der ser imperador do Divino. Uma vez disse isso a algum idiota, a algum inocente, que pensou que eu estava dizendo que queria ser imperador do Brasil. E eu deixei correr por aí que queria ser imperador.

Desde então, tenho isso na cabeça. Brinco com esse brinquedo. Porque sempre pensei que a coisa mais linda do mundo seria ser aclamado Imperador Darcy, o Único. Sempre eu achei que em dez anos eu consertava esse país.

BRASIL

A dor que mais me dói é o sentimento de ver que este país é tão fácil de dar certo. Mas é preciso enfrentar uma canalha muito minoritária que está aí, e impede o país de dar certo. O Brasil tem tudo para que todo mundo coma todo dia, para que toda a criança vá à escola e progrida, tem tudo para se integrar à civilização letrada, para se um das civilizações mais brilhantes e mais bonitas do mundo. Só não é pela estreiteza, pela talhanhez de uma classe dominante medíocre. Que infelicita o Brasil há anos.

SEM-TERRA
O Movimento Sem-Terra é uma das coisas mais importante que já aconteceu no Brasil. E muitos de nós guardamos no coração uma grande esperança neles, para obrigá-los a levar a questão agrária a sério. O MST junta hoje todos os tipos de lavradores, que invadem fazendas improdutivas e vivem na miséria impostas pelos latifundiários. O que eles pedem é que o governo lhes de terra. Diante dessa coisa escandalosa, o Brasil todo devia gritar.

Toda a máquina brasileira da

Justiça, da Polícia, toda máquina oficial brasileira existe para garantir o latifúndio, o latifúndio que não produz, não emprega gente.

REFORMA AGRÁRIA
O governo do Fernando Henrique, que é um sociólogo inteligente, competente, capaz, que conhece o problema agrário brasileiro a fundo, propôs ao Senado uma lei agrária muito ruim. Porque a lei agrária que não manda desapropriar sem pagar, não funciona. Não há dinheiro no Brasil suficiente. Com as regras atuais, não todo o dinheiro do governo não dá para pagar o preço que os fazendeiros

campo milhões de brasileiros, que poderiam assim comer, manter suas famílias e progredir.

CASAMENTO
Meus colegas casavam com moça rica. Eu custei a entender isso. Mas hoje sei a razão: moça rica precisa de um rapaz brilhante, para tomar conta dos velhos e para zelar por ela. Ela precisa também de quem cuide dela. Então é bom esse arranjo, o chamado casamento por interesse, um negócio recíproco e bom.

TENSÃO
Depois de dez anos, como eu sempre digo, não há tesão que resista. Só os heróis conseguem resistir. Tem uns que continuam comendo a mulher por trinta anos. Eu tiro o chapéu para eles, é formidável. Mas depois de dez anos, a relação fica fraternal, de irmãos, de irmãs, quase incestuosa. Você não pode fazer sexo com sua irmã. E hora portanto de separar.

AMORES
Posso dizer que os meus dois grandes amores foram Berta (Ribeiro) e Cláudia (Zarvos). Amores eu tive muitos outros, amores inconfessáveis, por senhoras casadas, com compromissos.

BERTA RIBEIRO
Eu amei muito a dona Berta. Ela agora tem 70 anos e está com câncer como eu. Nos dois, aliás, estamos fazendo um concorrência para saber quem enterra quem (risos). Até hoje brincamos de namorados, damos beijo na boca e tudo. Ela gosta muito, mas diz para as

amigas: "Pois é, parece que o Darcy quer voltar. E se ele voltar, o que eu vou fazer?".

Nós nos casamos em 1946 e nunca tivemos filhos. Berta foi um grande amor, mas mesmo nos grandes amores, em certo momento, quebra-se o tesão. Vivi com Berta vinte e tantos anos. Me separei porque estava apaixonado por outra mulher. Nesse tempo todo, eu tinha muita mulher e o casamento não acabava. Até que fiquei apaixonado de mais por uma. Quando Berta descobriu, ficou puta da vida. Foi em 1972. Ela me disse então: "Eu não tenho ciúme, tenho é inveja. Porque a moça é muito bonita, jovem e rica. Como é que você consegue seduzir uma moça assim?".

MARIANA OTERO
Eu tinha assistido ao casamento dessa moça na Venezuela. Ela Mariana Otero, uma venezuelita lindíssima, que vive atualmente em Paris, numa casa muito bonita. Berta ficou sabendo que, pouco tempo depois do casório, a moça tinha largado o marido e estava amigada comigo, viajando pelo mundo inteiro comigo. Ai Berta ficou muito danada comigo. Como Berta não pode suportar esse caso — suportou outros, mas esse não —, fiquei livre uma temporada. Até um dia que me surgiu a mulher que me ocupou o tempo todo.

CLAUDIA ZARVOS
Era a Cláudia Zarvos. Eu a conhecia desde que ela tinha seis anos. Ela era filha de uma amiga, da Tereza Zarvos. Por sinal, eu podia ter casado era com a Tereza. Mas casei com Cláudia porque um dia notei, na casa da Tereza, que ela me olhava lânguido. Noutro dia, também na casa da Tereza, ela me deu um beijo que derramou a palavra boca. Então percebi que ela estava meio a fim.

SOGRO
Eu tinha 60 anos, ela 20. O pai dela era riquíssimo. Nicolau Zarvos, um fazendeiro de Mato Grosso. Quando nos casamos o pai dela estava em Paris. Na época, telefonou para ela e perguntou sobre a calúnia, que ela estava metida com o Darcy Ribeiro, um velho comunista.

Ela disse para ele deixar de bobagem, que quando chegasse ao Brasil, eles conversavam. Ele chegou, ela marcou com ele um jantar. O velho ligou de um hotel no Rio combinando tudo. No telefonema, disse: "Tudo bem, mas o senhor Darcy, com a idade que tem, ainda pode sair no sereno?".

Depois da gozação, ele ficou muito meu amigo. Aos dez anos, eu e Cláudia nos separamos.

VIDA
Daqui pra frente, não quero mais